

Sustentabilidade e gestão das cidades históricas: Uma proposta a partir das ideias de Dennis Rodwell

Sustainability and management of historic cities: A proposal based on Dennis Rodwell's ideas

Ivana Perucci Esteves

Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo, UFMG, Brasil.
ivanaperucci@ufop.edu.br

Renato César Ferreira de Souza

Professor Doutor, NPGAU, UFMG, Brasil.
rcesarfs@gmail.com

RESUMO

O objetivo do presente ensaio é investigar a abordagem de Dennis Rodwell dentro do campo da teoria contemporânea de restauro, destacando os pontos aplicáveis nas discussões sobre sustentabilidade e gestão das edificações históricas na atualidade no Brasil. Os debates da conservação do patrimônio histórico se iniciam no século XIX, no período do Renascimento Italiano. Eles evoluíram continuamente até a denominada Teoria Contemporânea do Restauro. Ponto relevante que tem sido discutido dentro desta corrente é a questão da sustentabilidade, que irá permear o presente estudo. A temática sustentabilidade, de um modo geral, tem sido amplamente debatida; o conceito se incorporou às discussões de arquitetura e, agora, também às ações de conservação em centros históricos. Nesse contexto, Dennis Rodwell, arquiteto inglês, irá propor uma discussão em torno deste conceito em sua obra *Conservação e Sustentabilidade em Cidades Históricas*. O autor discute o tema da conservação de forma associada à sustentabilidade, apresentando, para tal, uma revisão histórica e uma análise crítica de estudos de caso de planos de intervenção na Europa, segunda metade do século XX. Com isso, ele defenderá a melhoria da qualidade destas propostas a partir da década de 70, quando o componente de sustentabilidade se inseriu nestas discussões. Será produzida uma análise da aplicabilidade das ideias do autor em intervenções atuais em centros históricos brasileiros, a partir da proposição de um plano de ação genérico, para nortear intervenções e ações de gestão. Dessa forma, pretende-se abordar os estudos de Rodwell dentro da corrente contemporânea do restauro, entendendo suas potencialidades e fragilidades.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio Histórico. Sustentabilidade. Gestão de centros históricos.

ABSTRACT

The aim of this essay is to investigate Dennis Rodwell's approach within the field of contemporary restoration theory, highlighting the applicable points in discussions about sustainability and management of historical buildings in present-day Brazil. Debates on the conservation of historical heritage began in the 19th century, during the Italian Renaissance. They have continuously evolved to what is known as Contemporary Restoration Theory. A relevant point that has been discussed within this framework is the issue of sustainability, which will permeate this study. Sustainability, in general, has been widely debated; the concept has been incorporated into discussions of architecture and now also into conservation actions in historic centers. In this context, Dennis Rodwell, English architect, proposes a discussion around this concept in his work "Conservation and Sustainability in Historic Cities". The author discusses conservation in association with sustainability, presenting a historical review and critical analysis of case studies of intervention plans in Europe in the second half of the 20th century. He advocates for the improvement in the quality of these proposals from the 1970s onwards when the sustainability component was introduced into these discussions. An analysis will be produced regarding the applicability of the author's ideas in current interventions in Brazilian historical centers, based on the proposal of a generic action plan to guide interventions and management actions. The intention is to address Rodwell's studies within the contemporary restoration framework, understanding their strengths and weaknesses.

KEYWORDS: Historical Heritage, Sustainability, Management of Historical Centers

INTRODUÇÃO

As discussões acerca da proteção do patrimônio histórico tiveram início no período da Renascença Italiana. Durante esse período, houve um ressurgimento do interesse pelas artes, cultura e história clássica da Grécia e Roma antigas. Artistas, estudiosos e governantes começaram a valorizar e a preservar os monumentos e obras de arte que remontavam à antiguidade clássica, reconhecendo sua importância histórica e cultural. O pensamento humanista da Renascença também influenciou a ideia de preservar e valorizar o patrimônio cultural como parte integrante da identidade de uma sociedade.

A partir desse ponto, passam a ser discutidos conceitos relevantes, como o de monumento, que passa a se expandir para abarcar os conjuntos vernaculares e as áreas históricas, bem como os conceitos de preservação e restauração. Os debates avançam, e a restauração ultrapassa o conceito de simples preservação nostálgica para se tornar um estudo de características multidisciplinares. Neste contexto, surgirão os documentos voltados para a preservação, como as Cartas Patrimoniais¹, bem como as Teorias (ou Correntes) do restauro, além dos primeiros dispositivos para proteção de edificações históricas.

As denominadas teorias ou correntes do restauro são as abordagens ou filosofias aplicadas no campo da conservação e restauração de obras de arte e patrimônio cultural. De modo geral, pode-se dizer que se trata de escolas de pensamento que influenciam a atuação dos profissionais no campo da preservação.

Dentre as correntes de maior relevância nos debates recentes, pode-se citar o Restauro Crítico. Na década de 1960, Cesare Brandi publicou seu livro *Teoria da Restauração*, no qual são abordados os principais pontos desta corrente. Brandi enfatiza a importância da autenticidade nas intervenções, defendendo uma abordagem cautelosa e criteriosa, na qual as intervenções de restauração devem ser mínimas e reversíveis, e ainda, priorizando a instância estética (às características visuais e formais que permitem a apreciação e apreensão da obra) sobre a histórica (contexto histórico e cultural da obra de arte, bem como sua importância como documento histórico).

Mais recentemente, as discussões avançam para o que se tem denominado teoria contemporânea, ou corrente contemporânea do restauro. São autores com contribuições relevantes para esta corrente Marco Dezzi Bardeschi², Dennis Rodwell e um dos seus principais, expoentes, Salvador Muñoz Viñas³.

A obra "*Teoria Contemporânea da Restauração*", de Salvador Muñoz Viñas, foi publicada pela primeira vez em 2002. Trata-se de uma contribuição de extrema importância para o campo da conservação e restauração, amplamente debatida recentemente uma vez que é referência na corrente contemporânea.

De modo geral, a teoria contemporânea se caracteriza pela sua fragmentariedade, conforme apontado pelo próprio Muñoz-Viñas. Não se trata de um manual ou uma receita completa que delimita a intervenção, mas sim de uma proposta de reflexões necessárias ao se

1 As Cartas Patrimoniais são documentos que estabelecem diretrizes, princípios e ética para a atuação dos profissionais em ações de conservação e restauração de patrimônio cultural em diferentes contextos.

2 Marco Dezzi Bardeschi (1934-2018), arquiteto e restaurador italiano. Atuou como professor de Restauração Arquitetônica na Universidade Politécnica de Milão.

3 Salvador Muñoz-Viñas (1963-), espanhol, professor no curso de Belas Artes na Universitat Politècnica de València

intervir na preexistência histórica. De forma semelhante, Dezzi Bardeschi defende que não faz sentido uma única solução ou postura na Restauração. Uma vez que os objetos são distintos, e os usuários destes objetos tem valores sociais distintos, faz sentido que as soluções resultantes também sejam diferentes entre si. Ou seja, é questionável a necessidade da existência de teorias cristalizadas.

Diversos pontos na teoria contemporânea da restauração são relevantes para o profissional que atua neste campo. A corrente propõe novas reflexões para embasar esta atuação que, embora de grande importância, este estudo não tem a pretensão de abarcar, como por exemplo, as discussões do conceito de originalidade. A intenção aqui é abordar a aplicabilidade de um conceito específico, bem como as possíveis implicações deste processo no campo da preservação das edificações e sítios históricos, que é o da sustentabilidade, conforme proposto por Dennis Rodwell.

1 CONSERVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE EM CIDADES HISTÓRICAS

1.1 Primeiras discussões

No ano de 2007, Dennis Rodwell lança o livro “Conservation and Sustainability in Historic Cities” (Conservação e Sustentabilidade em Cidades históricas). Sua obra é de 2007, não tendo sido, ainda, traduzida para o português.

Dennis Rodwell é arquiteto, com atuação em pesquisa e elaboração de projetos de patrimônio histórico. Sua atuação se concentra majoritariamente no Reino Unido, a partir da década de 60.

Imagem 1: Dennis Rodwell, arquiteto projetista



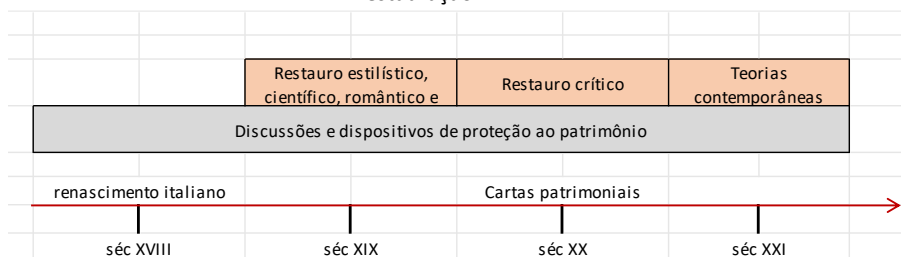
Fonte: RODWELL, 2011

O autor lança esta obra com o objetivo de estudar o conceito de sustentabilidade dentro das intervenções no patrimônio histórico - dois temas que ele propõe debater de modo associado. Ele busca indicar “[...] os pontos de contato entre planos bem sucedidos de

conservação arquitetônica e agendas mais amplas de desenvolvimento sustentável e identidade cultural”, bem como “[...]mapear as conquistas da sustentabilidade no âmbito das cidades históricas” (RODWELL, 2007, p. vii, *tradução nossa*).

Conforme o autor, no sentido mais amplo, ecológico, as ideias de conservação e sustentabilidade e a corrente principal do planejamento urbano moderno foram desencadeadas como reação à mesma força: as consequências da Revolução Industrial. Segundo ele, as publicações anteriores trataram das temáticas conservação e sustentabilidade como questões distintas; entretanto, esta seria uma percepção equivocada e ultrapassada; e o entendimento dos dois conceitos de forma associada seria relevante para evitar o que ele denominou de pontos fracos nas práticas de conservação urbana.

Imagem 2: Linha do tempo - dispositivos de proteção ao patrimônio e algumas correntes filosóficas de restauração



Fonte: Os autores, 2024

Entretanto, é fato que, estes debates começaram de forma totalmente desassociada. Portanto, num primeiro momento Rodwell irá tratar da origem destas discussões separadamente.

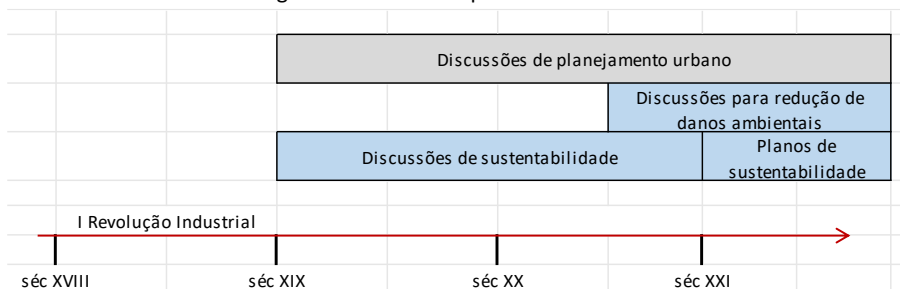
Conforme mencionado, o debate sobre sustentabilidade na Europa tem sua origem em reação à Revolução Industrial e suas consequências, quando a poluição do ar passa a ser uma causa contributiva de um número significativo de fatalidades a cada ano. Como resultado, no final da década de 50 e 60 uma série de movimentos ideológicos por direitos civis ocorrem, sendo uma das pautas a busca de redução dos danos ambientais como requisito para melhor qualidade ambiental e de vida para a população.

O Greenpeace⁴ surge em 1971. Já nesta década, os documentos e dispositivos de proteção apontam, conforme Rodwell, para o entendimento que o crescimento econômico não poderia ser indefinido. Um dos documentos produzido à época dá esse direcionamento: Conforme Rodwell, *The Limits of Growth*, ou “Os Limites de Crescimento” modelou a interação dinâmica entre produção industrial, população, danos ambientais, alimentos, consumo, e o uso de recursos naturais finitos.

As discussões acerca do tema evoluem e se expandem. Os anos 2000 são “[...] a década dos planos de sustentabilidade, em que os conceitos de recursos finitos, ciclo de vida, biodiversidade, habitabilidade, saúde e segurança e equidade social têm vindo cada vez mais para o primeiro plano.”(RODWELL, 2007, P. 55, *tradução nossa*).

⁴ O Greenpeace é uma organização não governamental ambiental fundada no Canadá.

Imagem 3: Linha do tempo - discussões de sustentabilidade



Fonte: Os autores, 2024

Com relação à definição do termo sustentabilidade em si, Rodwell inicia suas discussões a partir de Brundtland⁵: “O desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento que atende às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de encontrarem as próprias necessidades”. (RODWELL, 2007, P. 56, *tradução nossa*)

Mas Rodwell irá apontar esta definição como simplista e potencialmente perigosa: nota-se que, conforme este conceito o ser humano tem suas necessidades priorizadas em detrimento do natural.

Após abordar também outras contribuições, Rodwell chega à seguinte definição:

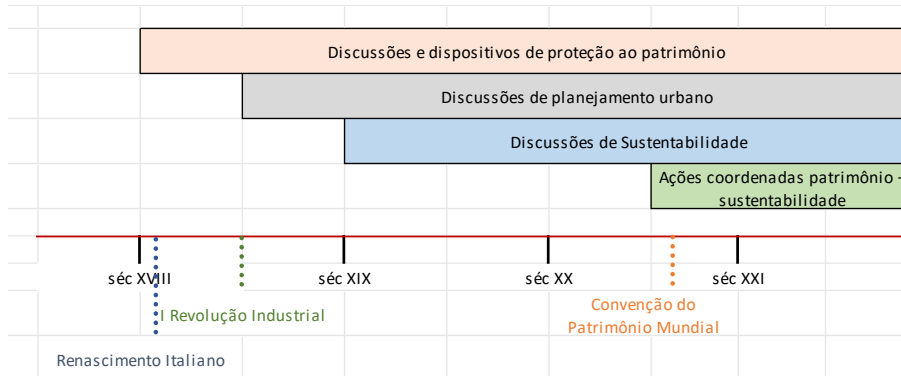
A distinção mais útil que pode ser feita entre sustentabilidade e o desenvolvimento sustentável é considerar o primeiro como um fator positivo e contínuo processo abrangente para todas as atividades humanas, aquele que vincula o bem estar de pessoas e do ecossistema em um todo de apoio mútuo, e o segundo como uma meta para situações específicas. O desenvolvimento sustentável é um potencial componente positivo dentro da sustentabilidade. (RODWELL, 2007, P. 56, *tradução nossa*).

É neste ponto que a relação entre sustentabilidade e intervenções em centro históricos é definitivamente fixada pelo arquiteto. Apoiando-se nos conceitos de Sir Bernard Feilden⁶, Rodwell estabelece que sustentabilidade é sobre prolongar a vida útil de um edifício, a fim de contribuir para uma economia de energia, dinheiro e materiais. Isso estabelece uma relação clara com os recursos finitos do mundo natural, e abraça com sucesso os três componentes da sustentabilidade: meio ambiente, sociedade (ou seja, funcionalidade dentro da comunidade) e a economia. O último será um quesito abordado de forma significativa por Rodwell; ele considera que as intervenções precisam do componente da sustentabilidade para serem viáveis em execução e na sua permanência ao longo do tempo.

5 O Relatório Brundtland, também chamado de “Nosso Futuro Comum”, foi publicado em outubro de 1987, com a coordenação da então primeira-ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtland.

6 Sir Bernard Feilden (1919-2008), arquiteto inglês com trabalhos relevantes na área da restauração.

Imagem 4: Linha do tempo - discussões de sustentabilidade e de preservação do patrimônio



Fonte: Os autores, 2024

Na prática, 1972 foi o ano que marcou o início da coordenação internacional iniciativas nas áreas de sustentabilidade e conservação. Foi o ano em que a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura adotou a Convenção do Patrimônio Mundial. A convenção simboliza a interdependência dos temas de patrimônio cultural e natural. A Convenção foi o primeiro documento relevante internacionalmente a conectar cultura e natureza, e continua sendo um dos poucos que o fazem. É muito comum que os dois temas ainda sejam tratados separadamente.

Após abordar aspectos históricos da origem dos primeiros debates da restauração e sustentabilidade, bem como os eventos marcantes que pontuaram sua evolução, Rodwell irá abordar os conceitos que circundam o patrimônio histórico, como “monumento,” “restauração” “originalidade” e correlatos. Após abordar a ampliação do conceito de “monumento,” que eventualmente passou a englobar os conjuntos edificados, ele passa a discutir de forma crítica as experiências de restauração e conservação em conjuntos que ocorreram nos séculos XIX e XX na Europa, abordando os aspectos negativos e positivos destas experiências. Mas antes de abordar estas experiências, o autor definirá o que entende como bom planejamento urbano e a verdadeira função da cidade.

Rodwell irá se apoiar nas ideias Sir Patrick Geddes⁷, definido por Rodwell como “[...]pioneiro em uma abordagem sociológica para o estudo e prática de planejamento urbano.” (RODWELL, 2007, p.31, *tradução nossa*)

Seus conceitos serão fundamentais para lançar as bases do que Rodwell defenderá como uma intervenção de qualidade nos conjuntos urbanos históricos; eles se apoiam no conceito de que cada cidade é única, possuindo qualidades específicas, e a compreensão destas qualidades é relevante para apreensão da identidade e diversidade cultural da cidade. Consequentemente, o planejamento urbano deve possuir natureza interdisciplinar, sendo necessário incorporar conceitos além do desenho, ou design, na proposição das intervenções.

A temática do planejamento urbano irá se inserir em patrimônio histórico quando Rodwell aborda os conceitos defendidos por Gustavo Giovannoni⁸. Conhecido pela sua atuação na restauração de conjuntos urbanos, tendo inclusive criado o termo “patrimônio urbano” Giovannoni afirma que as áreas históricas das cidades poderiam realizar um importante papel

7 Sir Patrick Geddes (1854-1932), biólogo e filósofo escocês, estudioso do planejamento urbano e regional.

8 Gustavo Giovannoni (1873-1947), arquiteto italiano, pesquisador da restauração em áreas urbanas.

dentro da vida de expansão das cidades modernas, sendo a coexistência entre o tecido antigo e o novo mutuamente favorável e harmoniosa.

Rodwell defenderá o que entende como características vitais da cidade coerente, conceito que, para ele, tem se perdido. “Cidades europeias - planejadas ou não, são centros de poder político, atividades comerciais, sociais, etc. Abrigavam comunidades mistas social, religiosa e culturalmente.” (RODWELL, 2007, p.23, *tradução nossa*)

Rodwell pontua estas questões para que fique claro quais são as características desejáveis numa intervenção, e que vão além da busca pela recuperação da materialidade.

De modo geral, Rodwell considera como experiências positivas aquelas que evitaram a perda da vitalidade essencial das cidades, ou seja; permitiram múltiplos usos das edificações, para além do residencial e do turístico, que possibilitaram e estimularam a manutenção da população residente, que permitiram seu desenvolvimento, ainda que de modo controlado; que reutilizaram as edificações históricas e que preservam o tecido urbano original⁹, valorizando suas características paisagísticas, arquitetônicas e históricas .

Aqui, é preciso destacar o seguinte aspecto: o desenvolvimento é controlado. Sustentável é a intervenção que não causa a destruição do conjunto urbano; e, para tanto, é fundamental conhecer de modo profundo as características onde se intervém e, portanto, seus limites. Estas características vão além da materialidade: é preciso conhecer a comunidade que se relaciona com aquele espaço, moradores ou não, bem como suas características sociais e culturais. A materialidade também é relevante: aspectos da paisagem urbana, como lógica da composição tridimensional; as vistas e visadas existentes, as relações entre o espaço público e privado; além da escala, lógica e ritmo nos espaços urbanos.

Fica claro, portanto, que para Rodwell, a preservação da cidade passa pela manutenção da sua vitalidade - e que esta vitalidade se associa diretamente à sustentabilidade destas intervenções, pois se refletem sobre a vida social e cultural de suas comunidades.

1.2 Estudos de caso

Rodwell dividiu os estudos de caso em duas partes: a primeira fase, antes das discussões que relacionam cultura e sustentabilidade, em 1972, na Convenção da ONU e UNESCO. Fica claro seu entendimento de que os debates e a documentação produzida neste evento produzida serviu para propor ações mais efetivas na conservação urbana por apresentarem a sustentabilidade como um componente essencial.

As correlações entre os dois conceitos se reforçam com outros pontos em comum: tanto ações de sustentabilidade como de conservação urbana exigem uma abordagem estratégica pelo menos na escala da cidade/região. No caso de ações de sustentabilidade, as parcerias são mais efetivas inclusive se forem feitas em nível internacional.

A lista de intervenções discutidas por Rodwell se direciona para a Europa, em especial no Reino Unido, com um recorte temporal bem definido - segunda metade do século XX . Neste primeiro momento, ele abordará intervenções das décadas de 50 e 60.

⁹ Embora as discussões sobre o conceito de originalidade sejam relevantes nos debates das teorias ou correntes do restauro, adota-se aqui o conceito abordado por Rodwell, que é o mesmo proposto por Sir Bernard Feilden: Materialidade original e genuína como foi construída.

Como exemplo, pode-se citar aqui “Quatro Estudos de Cidades Históricas” (1968), plano que propõe intervenções em Bath, Chester, Chichester e York (Inglaterra) e “O Estudo do Sudeste”, de 1961 a 1981, elaborado para Londres, Inglaterra. Sobre estes e outros estudos, ele abordará tanto problemas quanto as soluções propostas pelos interventores.

De modo geral, os problemas apresentados por Rodwell nestes espaços se relacionam a necessidade de conciliação dos espaços antigos com as cidades do século XX:

- Presença de carros em massa, tráfego intenso e congestionamentos;
- Desenvolvimento descontrolado em centralidade urbana;
- Pouca manutenção ou manutenção de má qualidade e consequente decadência dos edifícios históricos;
- Desuso generalizado das edificações;
- Dilapidação acelerada das edificações antigas;
- Projetos arquitetônicos de baixo padrão (qualidade) e
- Descaracterização da paisagem urbana

Quadro 1: Resumo de práticas adotadas de casos estudados por Rodwell em intervenções em conjuntos urbanos históricos - fase 1 (antes de 1972)

ESCALA DE AÇÃO	SOLUÇÕES APLICADAS
Edificação/ equipamento isolado	<ul style="list-style-type: none"> – Conversão de jardins em estacionamento – Recuperação/restauração de edificações
Entorno/região/cidades vizinhas	<ul style="list-style-type: none"> – Redesenho do tráfego de veículos, aproximando setores distintos – Melhorias no sistema de transporte público – Direcionamento das grandes pressões para desenvolvimento comercial para longe dos centros históricos das cidades – Estudo de valores da paisagem urbana, que possibilitou a compreensão e o redesenho urbano, além de nortear novas intervenções – Criação de contra ímãs nas cidades adjacentes, com polos atrativos em locais que possuíam potencialidade para expansão de centros regionais de população e emprego
Política de gestão	<ul style="list-style-type: none"> – Introdução do conceito de limite de capacidade ambiental – Estímulo ao uso misto – Ampliação de zonas comerciais – Categorização de zonas como “desconformes”

Fonte: Os autores. Obtido a partir de RODWELL, 2007

Rodwell discutirá também ações aplicadas após a Convenção de 1972, ampliando um pouco mais o seu recorte espacial: ele irá abordar também intervenções da Europa Central e Oriental. São exemplos das intervenções analisadas pelo autor a abordagem integrada de áreas urbanas implementada pela OTRA (Old Town Renewal Agency) a partir de 1998 em Vilnius, Lituânia e a restauração de Dubrovnik, na Croácia, por volta dos anos 2000. Por fim, ao analisar o esquema de Restauração de Chartres, França, de 1974 ele resume seu posicionamento na seguinte sentença: “É possível a existência de cidades históricas como comunidades balanceadas e autossustentáveis, mantendo-se ainda um forte componente residencial.” (RODWELL, 2007, P. 108, *tradução nossa*)

Quadro 2: Resumo de práticas adotadas de casos estudados por Rodwell em intervenções em conjuntos urbanos históricos - fase 2 (após 1972)

ESCALA DE AÇÃO	SOLUÇÕES APLICADAS
Edificação/ equipamento isolado	– Programas anuais para restauração de edificações
Entorno/região	– Ações para melhoria de infraestrutura na cidade – Estímulo a atividades não turísticas, como educacional – Estímulo ao uso misto
Internacional	– Elaboração de plano de ação, incluindo plano econômico, sob coordenação da UNESCO, com envolvimento da comunidade internacional
Política de gestão	– Plano de gestão elaborado através da articulação de iniciativas públicas e privadas e os governos nacional e municipal – Organização de seminários; busca de sensibilização da comunidade local – Campanhas que envolvem e informam os cidadãos – Criação de universidades, incluindo cursos de conservação de edifícios históricos – Apoio financeiro setorial a proprietários de imóveis antigos

Fonte: Os autores. Obtido a partir de RODWELL, 2007

Pelos exemplos demonstrados, nota-se que, de fato, há uma alteração clara nas características dos planos de intervenções elaborados para recuperação de cidades históricas após 1972, conforme apontado por Rodwell. Anteriormente, as ações eram mais direcionadas à materialidade – tanto de edificações quanto no espaço urbano.

Nos exemplos analisados por Rodwell na segunda fase, as ações passam a ser mais relacionadas à gestão do espaço do que propriamente às intervenções em sua materialidade. São feitas parcerias mais amplas, envolvendo inclusive outras cidades e órgãos internacionais. A comunidade é envolvida no planejamento das ações. As intervenções em nível de arquitetura e urbanismo ainda existem e são necessárias (por exemplo, em ações de conservação), mas são complementadas com parcerias que ultrapassam a escala da vizinhança.

Os estudos de caso propostos por Rodwell têm um grande valor para fundamentar os debates sobre sustentabilidade nas cidades históricas, como ponto de partida para maiores discussões. Entretanto, é preciso lembrar que as cidades brasileiras possuem realidades muito distintas se comparadas com as cidades europeias abordadas por ele - na verdade, as cidades brasileiras tem realidades distintas até quando comparadas entre si. Mais uma vez, é preciso lembrar que a intervenção se calca no conhecimento profundo do objeto, que por sua vez vai além do conhecimento da sua materialidade.

Rodwell demonstra que as intervenções devem ser sustentáveis inclusive do ponto de vista econômico, propondo que o poder público não seja o único responsável pela aplicação do proposto. Entretanto, cabe aqui o seguinte questionamento: até que ponto amarrar as intervenções à sustentabilidade econômica poderá prejudicar a qualidade das intervenções? Como assegurar que sejam priorizados os interesses da comunidade nestes planos?

Entende-se que sustentabilidade, ou desenvolvimento sustentável, implica na necessidade de um certo controle, ou no mínimo, direcionamento das intervenções nas cidades

históricas - isso implica abrir mão do desenvolvimento de uma série de atividades, ou de limitar este desenvolvimento até um certo ponto - e que isso deve ser feito sempre a partir do conhecimento aprofundado do local em que se intervém.

No caso das intervenções em edificações isoladas, é fundamental entendê-las dentro de seus contextos urbanos para mantê-las vitalizadas, para que se compreenda o papel destes elementos na identidade da comunidade que as utilizam, bem como nas dinâmicas existentes. Consequentemente, é necessário entender a recuperação do conjunto urbano histórico como atividade multidisciplinar, uma vez que as habilidades necessárias para viabilizar este entendimento vão além da arquitetura e da engenharia.

2 GESTÃO DE CIDADES HISTÓRICAS: UMA PROPOSTA

Apresenta-se a seguir uma proposta inicial para aplicação das ideias de Dennis Rodwell num plano de ação e de gestão para cidades históricas, desde a etapa inicial de cadastro do objeto até a execução das propostas, indicando-se também dispositivos para acompanhamento da repercussão destas intervenções. Trata-se de um plano de nível preliminar, sem a menor pretensão de esgotar o assunto. Ao contrário, espera-se contribuir pontualmente para a fase inicial de uma discussão que possui grande complexidade e relevância.

Em seguida, será apresentado um diagnóstico do proposto, destacando potencialidades e fragilidades. Destacam-se as linhas que mencionam os agentes executores e coordenadores, entendendo que a definição destes papéis é fundamental para que este tipo de empreendimento seja bem sucedido.

Fase 1.1: Num primeiro momento, são definidas ações de apreensão do objeto, no sentido de entendê-lo e registrá-lo. Serão feitas, em geral, ações relacionadas a cadastro de edificações relevantes, bem como mapeamentos do espaço urbano.

Fase 1.2: Diagnóstico do objeto. É o momento da primeira análise das informações obtidas no espaço anterior. Devem ser indicados problemas relacionados à conservação dos elementos e ao seu bom funcionamento.

Fase 2: Fase de consulta aos usuários do espaço; entender e contemplar os anseios da comunidade. Busca de entidades públicas para verificar interesse na participação do plano de ação; verificar contrapartidas possíveis para viabilizar parcerias.

Fase 3: Nesta fase, o plano começa a ser elaborado; aqui denominado Plano I. São definidos princípios norteadores para o plano; os objetivos gerais, que naturalmente devem refletir as informações obtidas nas fases anteriores. Nesta fase, o mais importante é que fique claro quais os objetivos que se almeja alcançar (como usos desejáveis, melhorias de índices de segurança ou conforto ambiental, por exemplo). A documentação gráfica está em nível preliminar; como mapas com zoneamentos gerais que demarcam áreas a intervir, por exemplo, e memoriais descritivos.

Fase 4: Com a documentação do Plano I, consultar órgãos normativos, como prefeitura e órgãos de proteção ambiental e de patrimônio histórico, por exemplo, para verificar a viabilidade de execução do proposto. Devem ser buscadas organizações internacionais para obtenção orientações e informações sobre experiências similares. O Plano I deverá ser ajustado para contemplar as normativas e dados obtidos. No caso de o Plano I ter sido drasticamente alterado, uma possibilidade seria replicar a fase 2.

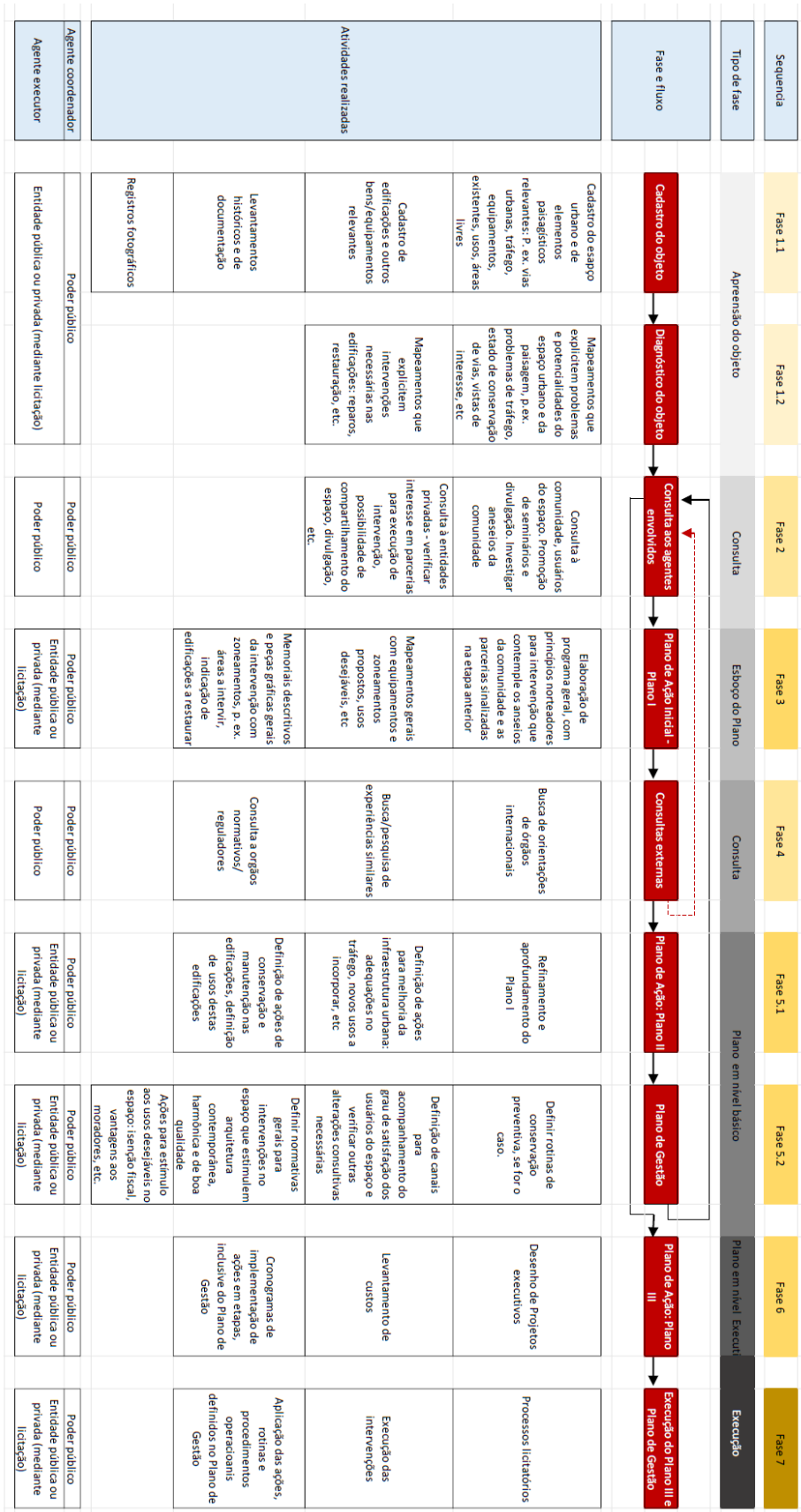
Fase 5.1: O Plano I é desenvolvido a nível de documentação básica, passando a ser denominado Plano II. A documentação gráfica é elaborada para definir intervenções em cada edificação e via. São locados e pré-dimensionados os equipamentos urbanos (são definidas as ações em nível urbano, como alterações de tráfego, por exemplo, e criação de novas vias ou áreas abertas e de convivência); e de arquitetura (definição de edificações a restaurar/recuperar, quais os usos, etc).

Fase 5.2: Plano de gestão: Os objetivos definidos no Plano I também poderão ser obtidos através de políticas públicas, a serem definidas pelo poder público. A comunidade também poderá ser envolvida nesta fase através de pesquisas e consultas. O poder público pode planejar, por exemplo, isenções tributárias para estimular um determinado uso ou outras vantagens aos moradores ou comerciantes; ou ainda, ações culturais ou de cunho educativo; pode definir orientações para intervenções que incentivem a arquitetura contemporânea e de qualidade. Nesta fase, também podem ser pré-definidas rotinas de conservação preventiva (se for o caso) e ferramentas de feedback a serem disponibilizadas aos usuários do espaço.

Fase 6: O Plano II é desenvolvido a nível de documentação executiva, passando a ser denominado Plano III. É elaborada a documentação que viabilize a execução, seja pelo poder público ou via processo licitatório. São calculados os custos e a execução é planejada num cronograma com etapas definidas, incluindo a implementação do plano de gestão.

Fase 7: Execução da intervenção e implementação das ferramentas de feedback, planejando-se outras intervenções necessárias, inclusive ações de manutenção.

Imagem 5: Fluxograma - Proposta de Plano de Ação Preliminar



Fonte: Os autores, 2024.

CONCLUSÃO

As ideias de Dennis Rodwell demonstram grande potencial de aplicabilidade para o planejamento de cidades históricas e na criação de planos de gestão, tendo como objetivo a recuperação destes espaços.

Mesmo considerando-se as diferenças dos estudos de casos apresentados por ele com a realidade das cidades brasileiras, muitos dos pontos defendidos, como participação da comunidade nas ações de planejamento; criação de planos de gestão em escalas além do conjunto e busca de parcerias público privadas são passíveis de implementação.

Ao propor a introdução de conceitos como o de limite de ocupação nos espaços, Rodwell demonstra que é necessário incorporar o componente da sustentabilidade dentro dos sítios históricos, desde que o respeito a estes espaços e seus usuários seja priorizado.

Com relação ao plano proposto baseado nos princípios defendidos por Rodwell, alguns pontos demonstram fragilidades. A participação do poder público em todas as etapas de implementação requer mobilização de mão de obra técnica, recurso cada vez mais escasso no serviço público. Ainda que hajam ações a serem executadas via processos licitatórios, ou seja, com envolvimento de empresas privadas, estes processos devem ser acompanhados por pessoal especializado para assegurar a boa qualidade das intervenções e a defesa dos interesses da população.

Além disto, estas ações deverão ser direcionadas não só para a recuperação da materialidade dos espaços, mas também para serem concretizadas em ações que busquem a manutenção ou recuperação da vitalidade neles: a vitalidade nos espaços urbanos é imprescindível para que as intervenções sejam sustentáveis. Assim, conclui-se que a aplicação da temática da sustentabilidade às intervenções nas cidades históricas possui potencial para viabilizar novas ações.

REFERÊNCIAS

DEZZI BARDESCHI, Marco. (2009). **Restauro: Punto e da capo. Frammenti per una (impossibile) teoria**. Milano: FrancoAngeli.

ICOMOS. Conselho Internacional de Monumentos e Sítios. **Declaração de Québec, 2008**. Québec: ICOMOS, 2008, 4 p. Disponível em: <https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/GA16_Quebec_Declaration_Final_PT.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2021.

MUÑOZ VIÑAS, Salvador. **Teoria Contemporânea da Restauração**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2021.

RODWELL, Dennis. **Conservation and Sustainability in Historic Cities**. Blackwell Publishing, 2007.